

SEÇÃO 1

Vozes Negras: crônicas raciais do cotidiano

Voces Negras: crónicas raciales del cotidiano

Black Voices: racial chronicles of everyday life

Edenilza Borges Siqueira

Resumo: A crônica entrelaça a trajetória de Raiz Kelly, mulher negra amazônica, entre memórias de infância, episódios de discriminação racial e experiências de empoderamento. A narrativa articula ancestralidade, religiosidade e militância política, revelando a luta cotidiana contra o racismo estrutural e as desigualdades de gênero e classe. Do sofrimento vivido na infância e adolescência à afirmação identitária na vida adulta, o texto mostra como Kelly se fortalece na militância comunitária, no Movimento Afrodescendente Mocambo e nas Marchas das Margaridas, assumindo papéis de liderança em políticas de igualdade racial. Entre vivências pessoais e coletivas, religiosidade de matriz africana e espiritualidade, a obra registra processos de resistência, transformação e construção de uma consciência negra atuante.

Palavras Chave: Negritude. Ancestralidade. Religiosidade. Gênero. Militância.

Resumen: La crónica entrelaza la trayectoria de Raiz Kelly, mujer negra amazónica, entre memorias de infancia, episodios de discriminación racial y experiencias de empoderamiento. La narrativa articula ancestralidad, religiosidad y militancia política, revelando la lucha cotidiana contra el racismo estructural y las desigualdades de género y clase. Del sufrimiento vivido en la niñez y adolescencia a la afirmación identitaria en la vida adulta, el texto muestra cómo Kelly se fortalece en la militancia comunitaria, en el Movimiento Afrodescendiente Mocambo y en las Marchas de las Margaridas, asumiendo papeles de liderazgo en políticas de igualdad racial. Entre vivencias personales y colectivas, religiosidad afrodescendiente y espiritualidad, la obra registra procesos de resistencia, transformación y construcción de una conciencia negra activa.

Palabras Claves: Negritud. Ancestralidad. Religiosidad. Género. Militancia.

Abstract: The chronicle intertwines the life journey of Raiz Kelly, a Black woman from the Amazon, through childhood memories, episodes of racial discrimination, and empowerment experiences. The narrative brings together ancestry, religiosity, and political activism, revealing the daily struggle against structural racism and gender and class inequalities. From the suffering of childhood and adolescence to the affirmation of identity in adulthood, the text shows how Kelly grows stronger through community activism, the Afro-descendant Movement Mocambo, and the Marcha das Margaridas, taking leadership roles in racial equality policies. Connecting personal and collective experiences, Afro-Brazilian religiosity, and spirituality, the chronicle documents processes of resistance, transformation, and the building of an active Black consciousness.

Keywords: Blackness. Ancestry. Religiosity. Gender. Activism.

Edenilza Borges Siqueira – Formada em Pedagogia, com pós-graduação em Neuropsicopedagogia. Militante do movimento negro pelo Mocambo – Associação Afro-Brasileira do Estado do Pará, onde atualmente exerce a presidência. Atua, também, na gestão da educação comunitária do Instituto de Pesquisa do Projeto Cartografando Saberes (IPPCS). Lattes: lattes.cnpq.br/9072388031845303. E-mail: edenilzaborges108@gmail.com / cartografandosaberesxxi@gmail.com

Capítulo 01

A infância

Ao anoitecer, ela volta pra casa sozinha. Com o olhar disperso no tempo, para no portão e indaga-se: — Por que tanta indiferença?

Aos 11 anos, ela se vê enquanto pessoa preta sem entender de fato o que isso significa.

Pessoa preta!

Hoje, ao voltar da escola, ela passou por uma situação complicada. No caminho de retorno da escola, junto com as amigas, Patrícia – sua amiga que morava na alameda cinco – encontrou o amigo Pedro, rapaz jovem e bonito que aparentava uns 13 anos de idade. Patrícia logo apresentou-o às amigas. Marcia recebeu um abraço e beijo no rosto do galante rapaz. Paula recebeu o mesmo. Mas na vez dela, ele mal tocou em sua mão. Ao ser questionado por Marcia, ele sem pestanejar falou que não gostava da cor da pele dela. Continuou a conversa colocando um ponto final no assunto. As meninas não questionaram, apenas seguiram como se nada tivesse acontecido. Todas encantadas pelo belo rapaz.

Mas ela... ela sentiu um mal estar muito grande. Sentiu uma imensa vontade de chorar, mas não o fez. Se manteve um passo atrás das colegas e seguiu para casa. Ao chegar na alameda 05, ela se despede e parte sozinha para sua casa de cabeça baixa.

Capítulo 02

A ancestralidade

Ela segue sua vida deixando esse acontecimento para trás. Raiz Kelly é a quinta filha de um casal. Sua mãe possui traços indígenas, herdados de sua bisavó, com longos cabelos lisos e negros, uma pele clara com nuances amarronzadas. Sua mãe trazia como missão a carga da ancestralidade desde o berço. Ao nascer, foi-lhe dito que, ao invés de chorar, soltou-se uma imensa gargalhada. Todos em volta a desconjuraram! Com o passar do tempo, a entidade encarnada na linhagem da umbanda, a Senhora Turca Dona Mariana, assume a autoria do ato entre gargalhadas.

Quando criança, a mãe recebeu vários castigos e surras de seus familiares, por não aceitarem a missão que ela traz do berço. Pois ela revelava coisas que ainda iriam acontecer, visitas que iriam chegar, pessoas que iriam morrer antes mesmo de adoecerem e, às vezes, nem adoeciam... morriam por acidente de barco ou de trabalho na floresta. Ela sempre via seres e entidades que não estavam no mesmo plano material. Sua família, muito católica, não conseguia entender o que ela tinha. Eles chamavam de maldição! Desde a infância, ela passou por todos os ritos do catolicismo: batismo, primeira comunhão, crisma, até casamento! Aos 15 anos, com intuito de afastar os feitos “malignos” dela, casou na denominação Assembleia de Deus.

Na memória de Raiz Kelly, em sua infância, a casa era cheia de pastores exorcizando as entidades de sua mãe. E, na maioria das vezes, encontravam nos cantos da casa algo deixado por esses “religiosos”, como: amarrações e orações não muito bondosas.

Até que, em certo dia, a mesma entidade, pertencente à linhagem da umbanda – a Senhora Turca Dona Mariana – manifestou-se no corpo de sua mãe, dentro da igreja. Ali, declarou que já era o bastante, que havia chegado o momento de a filha assumir a própria missão. O que



a guava, dizia, era a força ancestral dos povos indígenas e negros que ela trazia consigo. Era chegada a hora dela entender a sua missão ancestral.

O pai de Raiz Kelly estudou somente até a quarta série do antigo fundamental menor, mas era muito orgulhoso por conseguir bons empregos, mesmo com pouco estudo. Trouxe muitas mágoas de sua infância, seu pai cometeu suicídio e sua mãe era alcoólatra. Ao todo, eram cinco irmãos: quatro homens e uma mulher. Dois deles sumiram no mundo e nunca mais deram notícias. Não se sabe se estão vivos ou mortos.

Seu pai casou com a mãe quando ela ainda estava com 15 anos. Não foi um bom marido ou bom pai, mas sempre foi bem esforçado. Sempre esteve trabalhando, mas nem sempre mandava dinheiro para casa ou dava alguma notícia. Kelly lembra que quando sua chegada era anunciada, era necessário fazer uma grande faxina. Na maioria das vezes, ele ainda reclamava, pois a limpeza da casa não estava de acordo com sua vontade. Quando ele achava que algum dos filhos precisa apanhar ele perguntava: – você quer apanhar hoje ou amanhã?

Kelly apanhou poucas vezes, ela sempre escolhia o dia seguinte. Tinha esperança dele esquecer... mas isso não acontecia. Sendo a caçula de quatro irmãos, duas mulheres e dois homens, aos 10 anos de idade, Kelly viu sua família adotar uma criança prematura, com apenas 05 meses e alguns dias de gestação (o que mais tarde, trouxe algumas complicações no desenvolvimento cognitivo da criança). Essa criança – filho de uma mãe solo, de um lar desestruturado e onde já haviam outras crianças – foi doado para adoção pela mãe. Ao saber do fato, alguns vizinhos foram logo avisar a família de Kelly, pois já há algum tempo queriam mais uma criança na família. Assim, a família cresceu para seis irmãos. Foi tirado o título de caçula de Kelly, o que não a incomodou muito.

Como o trabalho do pai era distante, ele sempre passava meses fora de casa. Trabalhava com alguma coisa relacionado à terraplanagem, entre vários outros empregos....

Já havia trabalhado no garimpo de Serra Pelada, depois com vendas de panelas e até vendas de açaí quando ficou sem emprego. Em muitas dessas viagens, se relacionava com outras mulheres, o que era de conhecimento de sua mãe. Em uma dessas viagens do pai, a mãe de Raiz Kelly também se relacionou com uma outra pessoa, fato que só veio à tona anos após a separação...

Quando sua mãe soube que ele estava com outra família no estado do Amazonas, resolveu se separar. Após longos 25 anos de casados. Quando seu pai foi embora, passaram mais de cinco anos sem notícias dele, até que sua irmã conseguiu encontrá-lo através de uma empresa de Terraplanagem onde ele havia trabalhado.

Capítulo 03

A filha da Macumbeira

“Nega do sovaco fedorento, esfrega a bunda no cimento pra ganhar mil e quinhentos!”

Raiz Kelly lembra perfeitamente do dia que precisou sair correndo ouvindo os meninos da rua a ecoar esse hino para ela aos 12 anos de idade. Kelly não tem muitas lembranças agradáveis de sua adolescência, foram muitos momentos marcantes que a faziam acreditar que era melhor sumir. Durante muito tempo de sua adolescência, ela foi chamada de Xuxa, não porque gostasse ou tivesse opção, menos ainda por alguma semelhança com a dona do nome (Xuxa Meneghel), mas por pura maldade de alguns que se diziam amigos. Até mesmo, contra a sua vontade, alguns professores do quinto ano a chamavam assim.

Certo dia, ela foi surpreendida na escola com chuvas de maisena e trigo em sua cabeça; entre as lágrimas, ela ouvia meninos e meninas sorrindo e gritando: — Pelo menos assim ela fica branca.

Em outro momento, ouvia o coro na hora do recreio, na fila da merenda: — Abram alas que a filha da macumbeira está passando.

Raiz Kelly aprendeu muito cedo que ela tinha que fazer escolhas: sentar e chorar ou se tornar forte e vencer o inimigo. Assim, ela o fez. Na época em que estava em alta as gangues de pichadores, ela criou uma com as suas próprias amigas, feita apenas de mulheres. Porém, elas não tinham dinheiro pra comprar sprays e nem autorização para sair à noite.

Em frente à escola onde estudavam, no turno da tarde, havia uma oficina de conserto de geladeiras. Ali elas mostravam toda a sua arte. Isto é, pichavam com piloto permanente as geladeiras que eram recém-pintadas. Até o dia que o dono, escondido para ver de quem era a autoria, surpreendeu o grupo que conseguiu sair correndo.

Raiz Kelly, aos poucos, foi criando um bom número de seguidoras em um caminho não muito correto. Por várias vezes, gazetou aulas para ir ao Igarapé tomar banho. Começou a fumar, ou pelo menos fingir que fumava, pois, na ocasião, a maioria dos adolescentes fumavam. Para manter a fama de menina má, ela tinha que manter as aparências. Ela não sabia e tampouco gostava de fumar. Sempre passava mal, sentia tonturas e enjoos. Mas sempre estava com um cigarro entre os dedos, porém longe da mãe, pois, se ela soubesse, faria a filha engolir o cigarro, mesmo sendo ela uma tabagista incorrigível.

Perto de completar 15 anos, disse à mãe que iria estudar no turno da noite, mas a mãe disse que ela não tinha idade para isso. Porém, apenas com interesse de estudar no turno da noite, no período das férias de final de ano, ela conseguiu um emprego em uma fábrica artesanal de batata frita. Usando o fato como desculpa, disse à mãe que agora precisaria ser transferida para o turno da noite, o que logo foi aceito, pois seria uma renda a mais para ajudar nas despesas da casa. Nesse momento, seus pais já estavam separados e sua mãe estava enfrentando sérias dificuldades em manter as finanças da família.

Uma cena que marcou a ida de Raiz Kelly pra noite foi um aluno novo que chegou na escola e, sem que Kelly soubesse, fazia perguntas pra saber quem comandava a escola. Certo dia, ele se aproximou dela e pediu pra fazer parte da turma, de sua turma. Ela, sem saber o que dizer, mesmo se sentindo poderosa, disse para ele pagar as fichas de bilhar (sinuca) para elas jogarem durante uma semana. Assim, ele poderia fazer parte da turma dela.

Veio em seu pensamento: “Agora, é a filha da macumbeira quem dita as regras.”].

Capítulo 04

A Militância Política

Em frente à casa de Raiz Kelly morava uma vizinha que trabalhava no Banco do Brasil. Militante de um partido de esquerda, um tanto fanática, mas de grande presença. Kelly gostava de passar o tempo em sua casa; era amiga das duas filhas pequenas da vizinha, uma de cinco e a outra de oito anos. Sentia admiração pela forma como ela falava de um país melhor, pela maneira como transformava suas ideias em versos e poesias – afinal, Kelly também gostava de escrever.

Dessa maneira, Kelly foi se aproximando do mundo político. Na primeira candidatura de Luís Inácio Lula da Silva à presidência da República, no ano de 1989, o pai de Kelly disse que na



casa dele não iria ter marginais de esquerda e comunistas. Ele disse que iria expulsar da casa dele tais comunistas. Kelly, na sua petulância, agora amparada pela filosofia política de um mundo melhor perguntou se já era pra ela arrumar a mala dela.

Kelly se viu passear pelo partido, saindo sempre com os seguimentos que considerava mais importantes. Como a Convergência Socialista – CS e com a CST, Convergência Socialista dos Trabalhadores, até se ver participando das reuniões de estudos para criação de um outro partido, PSTU – Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados.

Talvez, para a direção ou coordenação dessas frentes políticas, a presença quase que insignificante de Kelly não tinha tamanha importância, mas para Kelly essa foi a construção de uma base que ela ainda não entendia direito. Kelly participou das grandes Passeatas Estudantis pelo Fora Collor e pela Carteirinha de meia passagem, apanhou de policiais na rua e de sua mãe quando chegava tarde em casa, mas pintou a cara e foi para as ruas com grito de guerra e o sentimento de ser patriota.

Sentia grande admiração pelo agrônomo que era seu dirigente de célula de estudo político, pois ele levava muito a sério a política e os pilares em que o partido se baseava. Havia também dois militantes secundaristas que, para ela, eram o maior exemplo: aqueles que entravam nas escolas e conseguiam levar todos, ou quase todos, os estudantes às ruas nas passeatas estudantis.

Quando as passeatas começavam, o grande corredor da Almirante Barroso se fechava diante de um mar de estudantes que marchavam até a Assembleia Legislativa do Pará, a prefeitura ou outro ponto previamente definido. Era tudo muito rico politicamente; Kelly conseguia ver, na prática, aquilo que se estudava em grupo.

Até que, um dia, encontrou um de seus inspiradores amanhecido em uma praça, bêbado ou drogado – não soube identificar na época. Aquilo a deixou extremamente decepcionada, pois, em pleno momento de construção do partido, estudava-se uma cláusula que proibia expressamente, a seus filiados, o uso de drogas ilícitas que levassem à dependência. Ver um dos melhores estudiosos e representantes do partido naquela situação causou um grande desconforto em seus pequenos conceitos políticos. Afinal, se aqueles que conheciam, estudavam e participavam das discussões não conseguiam seguir os próprios princípios, como poderiam, então, conquistar o mundo?

Capítulo 05

A religiosidade

— Tô precisando de um serviço, pois minha família diz que não me dará mais nenhum centavo. Como irei comprar os jornais do partido toda semana, também não terei mais passagens de ônibus pra ir às reuniões.

Pensando dessa forma, conversou com o seu dirigente de grupo de estudo partidário, que conseguiu para ela um trabalho como garçonete em Icoaraci, aonde ia todas às sextas e sábados. Nesse período, conseguia faturar NCz\$ 70,00, entre gorjeta e as diárias de garçonete em dois dias, às vezes três, de serviço. Na época, o salário mínimo estava em torno de NCz\$ 81,40, e isso para família de Kelly era uma grande ajuda. Certa feita, andando pelo centro da cidade, na Praça da República, Kelly encontra uma moça que ofereceu a ela uma caixinha de incenso muito perfumado e um livro, a moça diz que é estudante de Filosofia Védica, pede uma pequena ajuda financeira e faz um convite para visitar o templo.

Nesse período, Raiz Kelly estava terminando o curso de Magistério no Instituto de Educação do Pará - IEP, no período da tarde. À noite, fazia estágios como professora para concluir o curso que já estava no final. Aos finais de semana, continuava a trabalhar como garçonete, porém agora em um lugar próximo de sua casa, onde conheceu uma pessoa vegetariana, o chapista que fazia os lanches. Ela sempre questionava como ele conseguia fazer as carnes para os sanduíches e não comer, fazia sempre um monte de perguntas, até que, certa vez, ele se vira para ela e diz:

— Você especula muito, por que não vai estudar em vez de ficar só especulando? A consciência de Divina é algo muito rica em conhecimento espiritual e talvez te ajude a se encontrar nesse mundo material, porque você parece estar completamente perdida em suas indagações. Você precisa se fazer três perguntas básicas: “quem eu sou? de onde eu vim? pra onde eu vou?” para que você compreenda qual o seu papel nesse mundo material. Fazendo isso, não vai mais te interessar quem come ou quem não come carne animal. Você terá coisas mais importantes a se preocupar.

Entre todas as coisas que o chapista falou, com toda a calma e sabedoria, Kelly só se lembrava de uma única palavra: ESPECULAR. Ela nunca tinha ouvido essa palavra antes e isso a deixou muito intrigada. Ao lado da escola onde estudava, na Rua Gama Abreu, tinha uma banca de revista muito diferente das outras, essa era cheirosa, sempre tinham incensos queimando e alguém com roupas estranhas lhe pedindo um pouquinho de atenção para lhe falar sobre um livro. Raiz Kelly passava por ali diariamente e nunca parava, mas dessa vez resolveu parar. A pessoa que estava ali conversou com ela e lhe explicou várias coisas sobre a existência, karma, ilusões e transcendência. Kelly ficou admirada com a filosofia para a Consciência de Divina, que lhe foi apresentada de uma forma tão rica de detalhes e conhecimento. O que muitos chamam de movimento Hare Krishna.

Capítulo 06

O encontro

— *Hare Krishna, Hare Krishna, Krishna, hare Hare, Hare Rama, Hare Rama, Rama Rama, Hare Hare, Hare Krishna, Hare Krishna, Krishna Krishna, hare Hare, Hare Rama, Hare Rama, Rama Rama, Hare Hare, Hare Krishna, Hare Krishna, Krishna Krishna, hare Hare, Hare Rama, Hare Rama, Rama Rama, Hare Hare.* Todas as manhas, Raiz cantava em suas contas de japa mala, um terço indiano, o Maha Mantra Hare Krishna, com intuito de purificar sua existência e se aproximar de Krishna (Deus).

Aos 16 anos, se aproximou do Movimento Hare Krishna e descobriu que em sua casa tinham vários livros de Srila Prabhupada, o Mestre Espiritual que trouxe essa filosofia para o ocidente. Sempre que finalizava a leitura de um livro, Kelly ansiava pelo próximo e, dessa forma, ela foi se encantando pelos ensinamentos. Disse que iria morar no templo Hare Krishna e viver como uma monja celibatária desenvolvendo sua espiritualidade.

Assim ela fez, foi morar em Pernambuco, região do nordeste na cidade de Recife, logo conheceu a Fazenda Nova Vraja Dhama em Caruaru, ficou encantada por sua beleza e simplicidade. Ali morou por mais de 6 anos. Kelly continuava a dar aula, no que era chamado de Guru Kula, a casa do Guru, para crianças filhos de devotos e para os moradores da redondeza. Nunca esqueceu a expressão no rosto de um dos seus alunos da redondeza da Educação de Jovens e Adultos, quando recebeu um bolo de aniversário, era costume de Kelly realizar os aniversários de seus alunos com Bolo sem ovos, pipoca e suco. Nessa noite, ela levou o bolo para o Guru Kula, combinou com os



outros alunos de cantarem os parabéns para o aniversariante. Quando ele chegou, foi recebido com os parabéns à moda hare:

— “nós não somos o corpo, nós somos a alma, servos eternos de Krishna iludidos por maya (ilusão), nesse dia de festa, vamos comemorar, cantar e dançar Hare Krishna cantar, Hare Krishna, Hare Krsna, Krsna Krishna, Hare Hare, Hare Rama, Hare Rama, Rama Rama, Hare Hare.”

O aluno, que naquele dia completava 31 anos, chorou e disse que nunca em sua vida havia recebido um bolo de aniversário. Agradeceu à professora e disse que, semelhante ao bolo, nunca teve alguém tão especial e que, apesar de ser tão jovem, se preocupava com cada um de seus alunos. Em todos os detalhes, não apenas com o ensinar a ler ou a escrever, mas também naqueles ensinamentos que eram para alma e ele iria levar para vida inteira.

Para Kelly, aquela declaração, aquelas lágrimas, caíram como um acalento, um sentimento de fazer o certo, de entender o motivo de sua existência, de se encontrar consigo mesmo e com o mundo em sua volta. Nesse período, ela recebeu as duas iniciações: iniciação Harinama, onde recebeu um nome espiritual e, após um ano, a iniciação Brahmanica, onde recebeu o mantra gayatri e teve a oportunidade de fazer os rituais religiosos de adoração às deidades de Radha Govinda. Se, nesse momento, alguém perguntasse o que Kelly queria da vida, ela diria que não precisava de mais nada, pois já tinha tudo que poderia almejar nesse mundo material. Kelly viveu de forma simples e pensamento elevado, título de um dos livros de Srila Prabhupada, lido por ela no início de sua vida espiritual.

Capítulo 07

A separação

Ao desembarcar na rodoviária de Recife, no estado de Pernambuco, região Nordeste do país, após 48 horas de viagem, a devota já estava lá a esperando, Raiz Kelly estava muito feliz, pois essa era a sua primeira viagem sozinha para fora do estado onde morava. Tudo era novo e tudo era muito lindo.

Quando chegaram no templo, o presidente, ao receber, fala: — ah! É uma **Śyāmā**.

Sem saber de fato o que significava, agradeceu a acolhida. Após quase 07 anos, ela saiu do templo Hare Krishna e vai dividir o aluguel com uma amiga em Salvador. Depois de muito viajar, visitando quase todas as praias do litoral brasileiro em uma vida meio *underground*, fez teatro no Solar do Engenho Velho de Brotas. Perambulou pelo mundo do Rock por alguns anos com um grande amigo homossexual assumido. Engravidou do primeiro filho, uma gravidez complicada, o que a trouxe de volta para casa de sua mãe. Com o nascimento da criança, ela constrói sua primeira casa e volta a trabalhar com a educação, conhece a pessoa com a qual vive por 12 anos e tem uma filha, ficando com um casal de filhos com 05 anos de diferença de idade entre eles.

No parto do primeiro filho, ela entra no hospital às 9:00 horas da manhã, a colocam em uma enfermaria, onde fica sozinha o dia todo, sem receber uma única visita de médicos ou enfermeiros. Às 16:00 horas, uma técnica de enfermagem diz que ela vai para sala de operação, pois ela vai fazer uma cesariana, mas ela argumenta dizendo que deseja ter um parto normal e não é ouvida. Já na sala de operação, tenta novamente falar com a médica que não gostaria de fazer uma cesariana e que prefere ter o filho de parto normal, mas a médica, com toda a estupidez, diz que ela não tem passagem e que só iria fazer a criança sofrer. Ela pergunta como a médica poderia saber que ela

não tinha passagem se ninguém a viu, não foi feito nenhum toque ou algo semelhante. A médica, da forma mais irritante possível, diz que ela não tem tempo para ficar discutindo, pois já estava na hora dela ir embora, perguntou se Kelly queria ter o bebê ou se iria fazer a criança sofrer com essas indagações?

Sem saber o que fazer e se sentindo sozinha, Kelly senta na cama e, ao sentir a lâmina encostar em sua barriga, pede para cortarem um pouco mais embaixo para que pudesse usar biquíni sem aparecer o corte. A médica a olha, toca na barriga de novo e pergunta se ela está sentindo o toque e ela diz que sim. Nesse momento, viram a cama quase que de cabeça pra baixo, Kelly sente uma furada em suas costas... Após um tempo, colocam um pano em sua frente que a impede de ver sua barriga. Minutos depois, ouviu o choro do menino, que até o momento era chamado de Acyutana. Novamente sem entender o que aconteceu no hospital, ela volta para casa no dia seguinte em que a criança nasceu.

Quando criança e adolescente, Raiz Kelly tinha uma enorme paixão pela mulher grávida, pelo formato da barriga, a tonalidade da pele, o misticismo de ter uma vida dentro de outra vida, um ser humaninho completo, uma miniatura de gente com todos os órgãos e membros dentro de uma barriga, sempre a deixaram encantada. A maternidade para ela nunca foi apenas um ato de ser mãe, mas sim uma dádiva divina. Porém, ao engravidar, Kelly sente uma grande amizade se transformar em ruínas, as acusações, as ofensas, a fala que por anos ecoou em sua mente:

— Eu não quero esse filho, eu não vou ser pai, não pedi pra você engravidar...

Além de várias outras pressões psicológicas que a convenceram que esse não era o melhor momento para deixar uma criança vir ao mundo. A confusão de ver seu sonho de criança estar virando pesadelo. Como poderia uma criança sair do lugar onde deveria ficar mais protegida, o ventre da mãe! Isso é, a vida dentro de outra vida que ela sempre sonhou, iria descer pelo ralo? Definitivamente, não!

A relação amorosa na vida de Kelly sempre foi muito complicada, nunca encontrou alguém que de fato a assumisse enquanto namorada, a cor da pele, a insegurança na fala, a ancestralidade sempre foi muito forte e muito presente em sua existência. Saiu da casa de sua mãe aos 17 anos, aos 18 foi morar em outro Estado, porém, somente aos 26 anos perdeu a virgindade com um carinha nada a ver.

A vida lhe ensinou a ser forte, mas foi a duras penas, é dito que a água fervida que amolece o macarrão é a mesma que endurece o ovo. E assim Kelly se sente em relação à vida. Gosta de se apaixonar, ama intensamente, vive o relacionamento cada minuto com paixão, sofre quando acaba, chora, fica triste... mas sabe que depois passa e ela está pronta e poderosa para continuar o ciclo da vida.

Quando vê e sente seus filhos, percebe que não há nada mais doce, puro e meigo do que esse amor.

Kelly voltou grávida para casa de sua mãe, entre piadas e acolhimento, ela vai se fintando de novo no seio de sua família, e logo conhece seu novo grande amor. Sem ter emprego, e após o nascimento do filho, Kelly arranja um bico (serviço) com uma liderança comunitária do bairro para ser mesária de um campeonato de futebol. Por partida, ela ganharia R\$ 10,00, não era quase nada. Mas para uma mãe solo, já era alguma coisa.

Nesse período, se apaixona por alguém que, de cara, não lhe dá a devida atenção, não a valoriza enquanto mulher e ainda a ridiculariza por ser mais velha e mãe solo. Nesse momento, Kelly



já tinha sua própria casa, suas coisas, poucas, mas tinha. Se ver novamente amando intensamente, não aceita engravidar de primeiro, mas após muitas conversas, em relação à idade, seu grande amor não tinha filhos, sendo um dos últimos do ciclo de suas amizades sem filho. Então, após 4 anos morando juntos e aos 32 anos de idade, ela engravidada de uma menina e novamente a história se repete... dessa vez com as bebidas, as traições, as mentiras. Infelizmente, desse relacionamento, não se criou nem a amizade. Kelly percebeu que sua relação já havia acabado quando a criança chegou, e, mesmo de resguardo, é jogada para fora da cama, porque não aceitou a permanência do marido completamente embriagado na mesma cama em que ela estava com a criança, que tinha apenas alguns dias de nascida.

A rotina do companheiro chegar em casa embriagado se repetia várias vezes durante a semana, e em todos os finais de semana. Sempre ouvia a mesma conversa: — estou aqui perto entre os familiares.

Era rotina de família e ela teria que aceitar, pois sempre foi assim. Mas não, ela não aceitava, e, quando descobriu a traição dentro de sua própria casa, disse que não queria mais, que não tinha o porquê passar por essa situação, e mesmo assim levaram anos para ela tomar atitude. Quando se viu sair com outras pessoas, ainda morando na mesma casa do companheiro, chamou ele e disse que não iria viver dessa forma, pois nunca foi puta ou vulgar na sua adolescência e não seria agora, depois de velha, que iria fazer esse papel.

Ele saía com alguém para um lado e ela fazia o mesmo do outro lado. Ela disse que seria melhor se separarem, pois a situação como estava não era bom para nenhum dos dois. A primeira preocupação dele foi que não iria sair da casa após 12 anos de relacionamento. A única preocupação estava em cimentos e tijolos. Os pais dele vão na casa de Kelly e dizem que sabiam que aquela relação não daria certo, por esse motivo, eles não haviam passado o terreno (onde eles construíram a casa e moravam há 12 anos) para o nome do filho. Kelly, indignada com aquela revelação, grita que eles, há 12 anos, agouravam e torciam contra a relação deles. Estavam há 12 anos com essa fala engasgada na garganta, e que pegassem esse papel (documento do terreno) e engolissem junto com toda a maldade que havia neles.

Kelly simplesmente chorou. Chorou pela separação, pela raiva, pela maldade do ser humano, pela insegurança, chorou com angústia, com medo.

Capítulo 08

O Empoderamento Enquanto Mulher Preta

— Se está errado, foi a negrinha quem o fez. Manda ela de volta para o trono.

Essa era a fala de “brincadeira” que o professor efetivo da área da matemática que estava na coordenação pedagógica, junto com Kelly e outras coordenadoras, sempre fazia, porém ele dizia brincando, pois não tinha maldade em sua fala, não era racismo.

Quando Kelly foi trabalhar na escola Municipal em um bairro periférico de Ananindeua, entendeu que era preciso se fortalecer enquanto mulher negra, trazer à tona a Educação para as Relações Étnicos Raciais, pois a escola ficava em uma área específica, há alguns metros da maior invasão da população negra do estado: mais adiante, tinha o Território quilombola com mais de 3 séculos de existência. Essas crianças e adolescentes eram da escola onde ela havia começado há pouco tempo na coordenação pedagógica do fundamental maior no turno da tarde. Via crianças

SEÇÃO 1

serem alvos de racismo e discriminação da mesma forma que ela o fora, porém, ela disse que eles não iriam passar pelo mesmo que ela havia passado.

E, dessa forma, Raiz Kelly começou a se afirmar enquanto mulher negra através de sua vestimenta e estética negra com suas tranças afros e turbantes. Levava rodas de conversas sobre empoderamento negro para a escola, discutia o fortalecimento negro com professores, que antes teciam comentários horríveis em relações aos alunos. Professores negros se auto-ridicularizando por serem negros, aquelas piadinhas que nem vale a pena escrever. Kelly traz, no desfile escolar de 7 de setembro, reis e rainhas africanos, coloca os 07 orixás na avenida. E, aos poucos, vê seu trabalho de formiguinha surtir efeitos quando as alunas soltam seus cachos, seus *black*s, quando professores começam a questionar como os alunos chegam na sala de aula, o ciclo de sofrimento, discriminação e violação de direitos que passam até o horário das aulas. O porquê que a escola até o horário do recreio é sempre cheia e, após o recreio, os alunos simplesmente fugiam da escola por cima do muro mesmo. Esses questionamentos, de certa forma, foram criando espaços para diálogos de uma educação para as relações étnico-raciais.

Dessa forma, Kelly segue se fortalecendo enquanto mulher negra. Caminha nas Marchas das Margaridas, em Brasília, integra coletivos de movimentos negros, leva sua voz em palestras a escolas e órgãos públicos. Participa da fundação do Fórum Permanente das Entidades Negras - FOPENAN, ajuda a erguer os órgãos de PIR em sua cidade, tornando-se a primeira coordenadora de PIR e presidente do Conselho de Promoção da Igualdade Racial. Conduz a adesão do município ao Sistema Nacional de PIR, retorna à educação e escreve um projeto para o Território Quilombola (projeto esse que nunca foi olhado pela gestão).

Ao revisitar sua própria história, reconhece o quanto seus direitos foram violados enquanto criança, mulher e mãe negra. Ainda assim, sorri diante do amadurecimento pessoal, do crescimento profissional, entendendo que a mudança nasce das escolhas. E, desde muito cedo, havia apenas dois caminhos possíveis: permanecer no quarto a chorar ou sair para o mundo, empoderar-se, afirmar-se como ser humano digno de direitos e deveres.

Em seu cotidiano já não admite piadinhas que diminuam, que ridicularizem, que desmereçam sua cor, sua vida ou a de seus próximos. Repete diariamente a frase de Angela Davis: “*Numa sociedade racista não basta não ser racista, é preciso ser antirracista.*” .

Agradece a todos que a fizeram mais forte, às alegrias e às dores que lhe trouxeram aprendizado. Reconhece, acima de tudo, a presença constante de Deus em seu caminhar, e, também, nas conversas com a entidade *Balabaniām* que se manifestava na coroa de sua mãe; nas dúvidas sobre a existência, enquanto recitava o *Maha mantra*; nos banhos de ervas; na vida de seus filhos.

E sabe, enfim, que não pode parar. A militância é tarefa de cada dia – uma semeadura árdua, regada de alegria, suor e lágrimas, que floresce no gesto, na palavra, no passo que segue. É um chamado que não se cala, porque vem da vida e atravessa gerações. Como nos ensinou Marielle Franco, cuja memória ecoa como semente e flor: “*As rosas da resistência nascem no asfalto. A gente recebe rosas, mas vamos estar com o punho cerrado, falando de nossa existência contra os mandos e desmandos que afetam nossas vidas.*” .